

ALEGORIA BRASILEIRA EM *LEITE DERRAMADO*, DE CHICO BUARQUE

Daniel Conte¹
Ernani Mügge²
Poliana Soares³

RESUMO: Este artigo analisa a trajetória mnemônica de Eulálio Assumpção, protagonista da narrativa *Leite Derramado*, de Chico Buarque, observando o percurso que ele realiza através das lembranças socioeconômicas do Brasil que se entrelaçam às memórias de acontecimentos gerais de sua vida privada por quase um século. O estudo também contrapõe as características do “homem cordial” e do sujeito do “sabe com quem está falando?” – surgidos no início dos anos 40, na tentativa de definir a cultura e identidade brasileira –, como recurso para uma interpretação crítica e polêmica sobre o dilema brasileiro, que ainda persiste.

Palavras-chave: Memória. Identidade. Leite Derramado. Literatura brasileira contemporânea.

MEMORY AND IDENTITY: BRAZILIAN ALLEGORY IN *LEITE DERRAMADO*, BY CHICO BUARQUE

ABSTRACT: This article analyzes the trajectory of Eulálio Montenegro Assumpção, protagonist-narrator of *Leite Derramado* of Chico Buarque, that descends of an oligarchic Portuguese family. The narrative enunciated by Eulálio is composed of an immensity of political and social nuances about the history of the power relations, that imbue the Brazilian anthropological structure with. The narrator has in himself a compendium of images that stabilize the colonial functionality. These images are extemporaneous in their figurative context. This displacement of practices shows the erosion of the power of the monarchical image and establishes a conceptual contrast between "person" and "individual" in the Republic. The memorialistic narrative, which is the fictional work presented to the reader, indicates a distant reinvention of the historical reality, but coherent to the Portuguese colonial imaginary, perpetuated by Eulálio's diegesis. The article is based on Cassirer, Candau, Damatta and Ortiz theoretical-critical issues.

Keywords: Memory. Identity. Leite Derramado. Contemporary Brazilian Literature.

¹ Bolsista de produtividade em Pesquisa CNPq. Doutor em Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-africana pela UFRGS. Professor convidado no PPG-LET UFRGS, do curso de Letras, do Mestrado Profissional em Letras e do PPG em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale.

² Doutor em Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-africana pela UFRGS. Professor e pesquisador do curso de Letras, do Mestrado Profissional em Letras e do PPG em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale.

³ Mestre em Processos e Manifestações Culturais na Universidade Feevale.

À GUIA DE INTRODUÇÃO: A CONFORMAÇÃO DE EULÁLIO

Leite Derramado apresenta a história de vida de seu principal personagem, Eulálio d'Assumpção, que, no novelo memorial de sua vida, costura traços de uma realidade gestada pela decadência do poder econômico das oligarquias fundantes do Brasil. O tempo da narrativa apresenta o protagonista moribundo em uma cama de um hospital público, devido a uma fratura que sofrera ao tombar no banheiro da residência em que habitava com sua filha. Os indícios da materialidade ficcional do texto revelam que Eulálio seja um senhor de idade avançada e com a saúde física e mental comprometidas.

O ilustre descendente da oligárquica família portuguesa, que desembarcara no Brasil, recupera sua genealogia por meio de um monólogo, um fluxo enunciativo dirigido a uma enfermeira. Suas memórias, as quais julga estarem sendo registradas, evidenciam uma série de categorias funcionais da sociedade brasileira ao largo dos séculos de permanência do poder colonial e das resoluções sígnicas do imaginário português. Através dessa condição de permanência imagética, narra sua origem na malha antropológica brasileira, até sua atual e precária situação socioeconômica. Nesse processo, informações e idiosincrasias de sua cartografia afetiva emergem em seus instantes de lucidez – movimento narrativo que vincula o conteúdo ao contexto empírico – de maneira a retratar nuances importantes da história do Brasil. Na funcionalidade rememorativa, o leitor percebe a secularidade da personagem, de sua família, bem como a erosão programada do poder oligárquico. Entretanto, em determinados momentos, com a acentuada desorganização psíquica do narrador, o leitor é levado a produzir efeitos de sentido que o deslocam do tempo do romance, dando-lhe a impressão de que a sobreposição de imagens se define como uma alforria de pensamentos transliterados. O influxo verborrágico, que o próprio narrador desentende, traz à tona um imaginário e uma realidade alterados, logo, incompreensíveis, como mostra o excerto: “e muitos se detêm para escutar, minhas palavras, mesmo que não alcancem seu sentido, mesmo quando o enfisema me sufoca e mais arquejo que falo” (BUARQUE, 2009, p. 184). As palavras do narrador deflagram, ainda, um contágio das relações de poder, que estruturaram o imaginário do Brasil: a valorização das famílias oligárquicas e o valor incontestável de suas palavras.

O mosaico, que se compõe de recortes de tempo e desesperanças, reporta à atualidade, em que lembranças, devaneios e o presente histórico se alternam, preenchendo lacunas temporais em seus pensamentos, de maneira a amenizar a dor de seu corpo e de sua alma.

O que motiva o estudo deste personagem e de sua trajetória memorialística é o conjunto de estratégias narrativas que propõe a constituição de um panorama de lembranças,

ademais de sua ligação com a história socioeconômica do país e da edificação identitária da nação. Isso permite um olhar crítico sobre a representação das alterações políticas, econômicas e sociais que perpassam o século XX e se coadunam ao estereótipo do brasileiro, em especial ao da década de quarenta.

Diversas são as possibilidades de leitura teórico-crítica desta narrativa, todavia, a mais significativa particularidade da obra é a construção das memórias do personagem, que fissura o ordenamento cronológico, responsável pela constituição do perfil de senilidade de Eulálio e a fragmentação de suas recordações. Esse recurso narrativo causa, ao leitor, a sensação de estar diante de uma narrativa desestabilizada, aspecto que é reforçado pelo fato de a filha, de os demais pacientes com os quais compartilha o quarto e de as enfermeiras que o assistem ignorarem seu relato. Tal conduta se deslinda em uma passagem na qual o narrador reclama da presumida inoperância de uma enfermeira, de quem espera o registro de sua enunciação: “mas a senhora não escreve nada, a senhora abana a cabeça e me olha como se eu falasse disparates” (BUARQUE, 2009, p. 78).

Para atender os pressupostos de Damatta, quando afirma que “sabemos que tudo que acontece numa sociedade como a nossa tem uma dimensão histórica dominante, de modo que o eixo temporal é sempre colocado em primeiro lugar na interpretação de qualquer domínio do nosso sistema” (1997, p. 25), reorganiza-se a linha de sucessão dos Assumpção, por meio da sistematização da cronologia dos acontecimentos. O resultado dessa empreitada esclarece que, desde o seu tetravô português, todos os consanguíneos que o antecederam e o sucederam foram agraciados, assim como ele, com o nome Eulálio d’Assumpção, mantendo uma tradição, uma herança e um fluxo ininterrupto da imagem do domínio oligárquico português. Quando invocado Cassirer, em seu *Mito e linguagem*, recupera-se a ideia de que a palavra leva em si uma arquipotência inexplicável, o que significa que à materialidade do nome de Eulálio vincula-se uma memória colonial grávida de uma rede de significações do imaginário imperial português. Nessa ordem, o leitor se depara com uma constelação imensurável de significações, convergindo para um mesmo núcleo: a alegoria do declínio.

Com a reconstituição do quadro familiar por parte do narrador, chega-se à informação de que seu “trisavô desembarcou no Brasil com a corte portuguesa [e foi] confidente de dona Maria Louca” (BUARQUE, 2009, p. 50); seu bisavô, o Barão dos Arcos, fez fortuna com o comércio de escravos no período de Dom Pedro I; seu avô já havia nascido “um homem muito rico”, tinha “cacauais na Bahia e cafezais em São Paulo”, fez fortuna, mas morreu amargurado no exílio em Londres, suspeito de desvio de dinheiro público do Império. Já o pai do narrador, que perpetua a mesma condição de poder da família, “era um republicano de primeira hora,

íntimo de presidentes”, que “desfrutava de imenso prestígio e intermediava comércio de café” (BUARQUE, 2009, p. 52) na Europa.

A família dos Assumpção, como se evidencia, sempre desfrutou de prestígio público e se beneficiou da influência entre os meios políticos. Cabe salientar que o avô do personagem era “abolicionista radical, queria mandar todos os pretos brasileiros de volta para a África” (BUARQUE, 2009, p. 15), ao mesmo tempo em que foi “comensal de Dom Pedro II” (BUARQUE, 2009, p. 51). A ironia dos fragmentos atesta o paradoxo da constituição política do Brasil, alicerçada pelo trânsito permanente dos mesmos atores sociais em diferentes esferas e tempos de poder. Como se constata, havia já, naquela geração, uma disputa nos campos social, político e econômico: o exílio do avô deu-se em meio a uma das grandes mudanças socioeconômicas brasileiras – a abolição da escravatura.

A relação entre o avô de Eulálio e o reinado de Dom Pedro II não é elucidada com detalhes na narrativa. O texto dá a entender, todavia, que a fortuna dos Assumpção foi ampliada graças aos benefícios proporcionados pela corte, o que mostra uma rede de preferências corporativas, assentada ao largo do império e durante a transição para o sistema republicano. O corpo do imaginário monárquico, estendido à usurpação, se rompe somente com advento abolicionista e o processo de industrialização, quando o avô, simpatizante do movimento de libertação dos escravos, é apontado como traidor. As diferenças ideológicas levaram-no, ainda, à acusação de roubo e de desvio de dinheiro da coroa e ao consequente exílio. A mudança cartográfica de sua condição fez com que ele deixasse ao filho, pai do narrador, os cuidados dos bens familiares. Os negócios agrários da família passam a simbolizar, na política, a ideologia monárquica, perpetuando os moldes patriarcais vigentes à época.

Na narrativa, o sobrenome Assumpção desintegra-se ao largo do tempo, com as mudanças políticas do país – a condição primeira de ritualizar um estado de soberania da ordem cotidiana se esvai. Eulálio e seus predecessores imediatos integram uma família que tem por tradição o nome vinculado, originariamente, a uma rede de significância material coadunada ao *status* de poderes. Cassirer observa, a esse respeito, que a

identidade essencial entre a palavra e o que ela designa torna-se ainda mais evidente se, em lugar de considerar tal conexão do ponto de vista objetivo, a tomamos de um ângulo subjetivo. Pois também o eu do homem, sua mesmidade e personalidade, estão indissolivelmente unidos com seu nome, para o pensamento mítico. O nome não é nunca um mero símbolo, sendo parte da personalidade de seu portador; é uma propriedade que deve ser resguardada com o maior cuidado e cujo uso exclusivo deve ser ciosamente reservado. (1972, p. 68)

O resguardo do nome, consoante as palavras do teórico, deve ser encarado como uma espécie de zelo que o sujeito dedica à narrativa veiculada pelo designativo, ou seja, com a categorização da matéria e da memória, contida na estrutura psíquica, oferecida pela palavra, emerge uma organização sistêmica da ordem do significar para além das fronteiras primárias do imaginário. No caso de Assumpção, o descuido dos atores sociais ligados à linhagem com a substância que lhe conformava na estruturação social, originou a decadência: o olhar não estruturado ao largo da história familiar e do país, conduziu a uma erosão anunciada do poder, a uma diluição do que Cassirer denomina como *arquipotência* da palavra.

Essa circunstância iliba-os da vocação para o labor: nota-se que a habilidade social e política é a garantia da perpetuação do prestígio social advindo da riqueza, da acumulação material e das benesses que isso traz. Não consideraram, sem embargo, as vicissitudes que a sociedade e os sistemas de governança apresentariam no devir temporal, conforme Derrida (1971), edificando, em aproximadamente um século, uma metáfora ininterrupta de mudanças nas estruturas imaginárias da jovem república.

Na esteira performática de seus antecessores, o pai de Eulálio usufrui da riqueza acumulada pelas gerações anteriores, segue a carreira política como senador, constituindo uma narrativa imagética de “um homem de múltiplos interesses” (BUARQUE, 2009, p. 35). Sua trajetória, marcada pela facilidade em transitar nas rígidas esferas da sociedade brasileira, é interrompida por sua morte, encomendada, de acordo com os alarmes dos periódicos à época, por seus opositores. O assassinato de Eulálio – não por políticos, mas a mando do marido de uma de suas amantes – figura como evento libertador das amarras do conservadorismo oligárquico brasileiro.

As pistas memoriais dispersas na materialidade ficcional buarqueana apontam à impressão de que fatos e datas ambientam a morte do pai do narrador quando ainda muito jovem, de modo a tornar inviável a preparação, a tempo e a hora, para o ingresso de seu rebento no mundo dos negócios e da política, prática naturalizada de sua condição familiar.

Em que pese a ausência de um tutor, Eulálio, aos dezessete anos de idade, mesmo inabilitado, e contando com o apoio da mãe que, tangencialmente, exerce a função de patriarca, assume, a gestão financeira da família, perpetuando a condição imperial que seu sobrenome lhe conferia. Embora, opondo-se à imagem positiva de seu progenitor, o jovem herdeiro não se apropria da *vocação* política, da sensatez para os negócios, muito menos do prestígio que o Senador Assumpção desfrutara.

No transcurso de sua atividade política, marcada por oposições sistemáticas entre sua atuação e o que fora a de seu pai, Eulálio carrega uma preocupação maior em seu íntimo:

Matilde. A deserção misteriosa da esposa, sem deixar vestígios, provoca-lhe dúvidas, indagações e uma obsessão amorosa, o que desencadeia uma latência que transita entre o desejo e o ódio, o que parece tê-lo consumido ao largo de sua secular existência. À dor do abandono, soma-se a decepção provocada pelo genro, Amerigo Palumba, casado com Maria Eulália, única filha de seu relacionamento com a esposa desaparecida, que, não satisfeito de viver às custas do patrimônio dos Assumpção, abandona a família, acelerando o dismantelamento do patrimônio e sua conseqüente decadência social, política e econômica. A partir deste infortúnio, seus descendentes, o neto, Eulálio d'Assumpção Palumba; o bisneto Eulálio d'Assumpção Palumba Júnior e o tataraneto, Eulálio d'Assumpção Palumba Neto figuram significativamente nas memórias do senil narrador, em diferentes períodos e por diferentes razões.

As condições sociais dos descendentes de Eulálio estabelecem dicotomias com os seus antecedentes, à medida que rompem com uma narrativa homogeneizante que coloca sujeitos e tempos distintos, em um patamar de superioridade na malha antropológica. Nesse novo período, o neto luta contra a ditadura; o bisneto é assassinado a tiros e o tetraneto alcança prosperidade nos negócios, mas com base na ilicitude.

É nessa ordem imaginária que o protagonista mergulha em suas lembranças, revivendo circunstâncias pretéritas e assinalando alguns fatos de seu contexto, que o fazem, inclusive, entrar, “para as profundezas [das memórias], onde costumo[a] sonhar em preto e branco” (BUARQUE, 2009, p. 8). Apura-se, nessa verticalização analítica, que o declínio socioeconômico da família, em especial, a partir da geração do narrador, ocorre tanto pelas alterações políticas e ideológicas dos sistemas de governo do país quanto pela carência dos relacionamentos e influências na vida pública, rompendo a ligação entre o Estado, a família e a propriedade.

DA CORDIALIDADE IDENTITÁRIA DO BRASIL

A narrativa aponta para os anos de 1930, em que se dá a morte prematura do pai de Eulálio, período no qual o país sofre drásticas transformações culturais, pois

o processo de urbanização e industrialização se acelera, uma classe média se desenvolve, surge um proletariado urbano. Se o modernismo é considerado por muitos como um ponto de referência, é porque este movimento cultural trouxe consigo uma consciência histórica que até então se encontrava de maneira esparsa na sociedade. Com a revolução de 30 as mudanças que vinham ocorrendo são orientadas politicamente, [e] o Estado procura consolidar o próprio desenvolvimento social (ORTIZ, 1998, p. 39-40).

Além dos dilemas familiares que o narrador enfrenta, desenham-se a sua frente questões de ordem econômica, oriundas da política reformista do governo Vargas. O país está imerso em um acelerado processo de industrialização, deslocando o poder decisório, antes unicamente nas mãos das grandes oligarquias brasileiras, para uma maior representatividade republicana. Não há, de fato, a desmatricialização do poder, mas um deslocamento simbólico, que altera a *praxis* cotidiana da República. Esse processo impacta a vida de Eulálio, à medida que reduz seu capital e seu status, colocando-o na vala comum da sujeição social. Todavia, mergulhado em suas questões íntimas, desimporta-se com as revoluções simbólicas em marcha no país. Ignora os fatos históricos, voltando-se para a significação dos eventos íntimo-familiares, os quais o levam à rememoração de sua narrativa existencial.

Apresentando-se como herdeiro despreparado – arquétipo de um colonialismo em erosão – sua figuração aproxima-se do contexto econômico à época. Afastado dos privilégios herdados de sua linhagem sanguínea, perde um leque de vantagens gestadas pelas esferas do poder monárquico que a *res publica* sistematicamente dilui. Dessa forma, a funcionalidade relacional, proporcionada por sua inserção nos diferentes espaços superiores de poder, esvai-se, uma vez que as relações estabelecidas pelos favores da vida pública, das influências e da proteção das estruturas familiares passam a ser substituídas por relações de trabalho entre empresas e trabalhadores devido às novas exigências sociais e condições de vida (HOLANDA, 2000). Faz-se importante registrar, também, as aproximações de Eulálio com o conceito de “homem cordial”, gestado por Sérgio Buarque de Holanda, na década de trinta. É desde esse conceito que se sobrepõe a imagem do público e do privado, coadunando a uma mesma alegoria. Desse modo,

o Estado não é uma ampliação do círculo familiar e, ainda melhor, uma integração de certos agrupamentos, de certas vontades particularistas, de que a família é o melhor exemplo. Não existe, entre o círculo familiar e o Estado, uma gradação, mas antes uma descontinuidade e até uma oposição. A indistinção fundamental entre as duas formas é prejuízo romântico que teve os seus adeptos mais entusiastas do século XX. De acordo com esses doutrinadores, o Estado e suas instituições descenderiam em linha reta, e por simples evolução, da família. A verdade, é que pertencem a ordens diferentes em essência. Só pela transgressão da ordem doméstica e familiar nasce o Estado e que o simples indivíduo se faz cidadão, contribuinte, eleitor, elegível, recrutável e responsável, ante as leis da Cidade (HOLANDA, 1995, p. 141).

O personagem Eulálio Montenegro d’Assumpção, a partir de sua recuperação memorial, constrói-se como o “homem cordial” buarqueano, na medida em que suas características figurativas se aproximam dos aspectos asseverados por Holanda, no excerto que segue:

Já se disse, numa expressão feliz que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade - daremos ao mundo o “homem cordial”. A lanheza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar “boas maneiras”, “civildade” (HOLANDA, 2000, p. 146).

No excerto, as palavras de Holanda levam a refletir sobre as ideias de Damatta (1997), quando este discute a ideia de transformação da pessoa em indivíduo, nunca aceita por Eulálio, pois pessoas como ele “não foram feit[a]s para essas leis que igualam e tornam os indivíduos meros recipientes, sem história, relações pessoais ou biografia. Ainda que inserido em um processo de sujeição social, Eulálio continua agindo como uma “pessoa”, quando, preocupado em manter suas aparências, nega um cargo político – oferecido pelo sogro por suborno emocional e financeiro de sua própria mãe – e recorre às possibilidades de herança por parte da família da mãe (os Montenegro), mas sem sucesso. Esses comportamentos, aliados à inércia imaginária, diante dos problemas que surgem ao largo do tempo, apenas reforçam seus traços de cordialidade, como, por exemplo, as hipertrofias das relações privadas e familiares e as características da sociedade patriarcal assimiladas pelo tempo (SCHIFFNER, 2012).

A ascensão social por meio de estratégias politicamente arranjadas, que perpetuam a estabilidade das narrativas do poder na República, é desaprovada por Eulálio, na medida em que demandam esforços e o situam em um espaço de trabalho. A materialidade fenomenológica que os homens da família Assumpção carregam, ao receberem sempre o mesmo nome, conduz o narrador a uma histeria íntimo-familiar que gesta uma espécie de medo e angústia pela possibilidade de destonificação da imagem oligárquica à qual ele é conformado ao largo da história brasileira. O excerto que segue, evidencia a angústia do narrador: “nunca uma nódoa, uma ruga na roupa, meu pai sai do quarto tão alinhado quanto entrou de noite, e quando menor eu acreditava que ele dormia em pé feito cavalo. Eu morria de medo de no futuro virar senador também, ter de dormir em pé e andar sempre igual a meu pai, ereto e grave” (BUARQUE, 2009, p. 104).

A memória do narrador enleia-se em meio à quantidade de sucessores e nomes que se sobrepõem como se fossem uma espécie de palimpsesto da ocupação colonial no país. Eulálio confunde suas lembranças, o que o leva a um emaranhado de Eulálios, lançando o leitor em um espaço labiríntico que despermite a produção de efeitos de sentido do social. Nessa figuração narrativa, intui-se que os Assumpção herdaram, juntamente com o nome, a pré-construção da

decadência simbólica de um poder corrosivo e ininterrupto, que se dissolve junto ao compêndio imagético do longo narrador. Isso rompe com a estabilidade do vislumbamento histórico desde o mesmo ponto de vista, concedendo, ao leitor, por meio da teia ficcional, a condição de revisitar a oficialidade histórica, bem como, dar voz aos delírios do ordinário cotidiano.

Ao lançar um olhar cotejante, o leitor percebe que as ações e os desfechos daqueles personagens que iconizam a família Assumpção, nas esferas de poder representadas na narrativa, perpetuam-se: o neto luta contra a ditadura civil-militar e o trisavô, contra Robespierre, na Revolução Francesa; o bisneto sedutor é assassinado com seis tiros, repetindo o destino de seu pai. Não bastasse esses eventos trágicos constituintes da memória familiar, o tataraneto torna-se traficante de drogas, assumindo a transgressão da ordem humanitária, consoante o tataravô em seu ofício de mercador de escravos.

Destoa dessa historicidade imaginária, Maria Eulália, a filha do narrador, a qual se constrói desde uma oposição relacional ao pai: ao passo que ela se apresenta impulsiva, Eulálio permanece estático, apenas assiste ao percurso diegético da filha, sem interferir no desencadear dos eventos. Essa conduta leva ao esboroamento do patrimônio da família. O neto, dada a situação de declínio econômico vigente à época, aliena a última moradia dos Assumpção. No entanto, desaparece na ditadura civil-militar, o que o impede de honrar a dívida, que acabou sendo cobrada de Eulálio e de sua filha. Esses, não tendo condições de saldar o valor, acabam morando de favor em um casebre de um cômodo em uma favela, local que, Eulálio, em seus devaneios, confunde com a fazenda na raiz da serra:

Sáimos da rodovia por uma rua poeirenta, e o motorista perguntou pela igreja do pastor Adelson a um travesti, que nos mandou seguir em frente até a curva do valão. O valão era o rio quase estagnado de tão lamacento, quando se deslocava dava a impressão de arrastar consigo as margens imundas. Era um rio podre, contudo eu ainda via alguma graça ali onde ele fazia a curva, no modo peculiar daquela curva, penso que a curva é o gesto de um rio. E assim o reconheci, como às vezes se reconhece num homem velho o trejeito infantil, mais lento apenas. Aquele era o ribeirão da minha fazenda na raiz da serra (BUARQUE, 2009, p. 177-78).

É nesse espaço que o narrador sofre a fratura que o leva à internação e, posteriormente, à morte, quando finda a narrativa. O enredo de *Leite Derramado*, desde essa perspectiva, suscita elementos constituintes da identidade nacional brasileira que problematizam a estabilidade de sua narrativa imaginária, ao longo dos séculos de colonização, em especial, no reflexo discursivo do narrador, situado no século XX. Faz-se importante perceber que, em certa medida, o cerzido identitário está pulverizado nas nuances de poder recuperadas pela memória na obra.

São muitos os momentos da narrativa nos quais Eulálio relembra vestígios que acentuam sua condição de pertença a seu parentesco oligárquico com a ancestralidade portuguesa. No intento de resolver seus problemas existenciais, em sua maioria derivados da aliança corporativa historicamente gestada entre o Estado e suas instituições de poder, busca por meio da recuperação de uma teia de influências, outrora sistematizada e efetiva, atenuar as limitações construídas pelas fronteiras de direitos e deveres que a república impôs aos atores sociais. Seu movimento, porém, não encontra êxito, pois a nova estruturação de poder rechaça imagens fossilizadas como, por exemplo, “sabe com quem está falando?” Ao pensar-se a ideia de cordialidade, a expressão, calcada em relações hierárquicas da velha política colonial, aponta para a imposição de uma estrutura delineada na personificação, que se sobrepõe à ideia republicana, como se percebe nas palavras de Damatta:

e todos os brasileiros sabem que a expressão é o reflexo ritualizado e quase sempre dramático de uma separação social que nos coloca bem longe da figura do “malandro” e dos seus recursos de sobrevivência social. Pois o “sabe com quem está falando?” é a negação do “jeitinho”, da “cordialidade” e da “malandragem”, esses traços sempre tomados para definir, como fez Sérgio Buarque de Holanda (1973), o nosso modo de ser e, até mesmo, como sugeriu Antonio Candido (1970), para marcar o nascimento de nossa literatura (1997, p. 182, grifos no original).

Ao pensar-se a identidade nacional, convém lembrar a permanência de um modelo político que invoca relações de poder, oriundo da transição da monarquia para a república, e que se entende legitimado a partir da estabilização de lugares de fala conferidos aos sujeitos sociais e que dão origem a uma predeterminação política. Como lembra Ortiz, “permanece, até hoje, [no país] uma questão política que procura se impor como legítima” (1998, p. 9), posto que existem determinados eventos que tentaram definir a identidade nacional, imputando diferenças de ocupação e atuação das subjetividades nas esferas sociais da nação brasileira. Tais relações de oposição filiam-se ou desvinculam-se da matriz política de dominação da sociedade europeia, à medida que configuram uma dinâmica maniqueísta. Entretanto, na observação de Ortiz, a identidade nacional na sua condição de abstração, impossibilita a edificação de uma única matriz do fazer político:

‘cordialidade’ de Sérgio Buarque de Holanda, a ‘tristeza’ de Paulo Prado, a ‘bondade’ de Cassiano Ricardo; outros escritores procuraram encontrar a brasilidade em eventos sociais como o carnaval ou ainda na índole malandra do ser nacional. [...] [Assim,] considerar o homem nacional através de[esses] elementos [é] atribuir-lhe um caráter imutável, [...] e não percebe[r] que a identidade nacional é uma entidade abstrata e como tal não pode ser apreendida em sua essência (ORTIZ, 1998, p. 137-38, grifos no original).

A morte de Eulálio poderia simbolizar o fim da alegoria brasileira de cordialidade, desvelando uma possibilidade de restaurar o caminho para a justiça e para a democracia; contudo, percebe-se que não há uma identificação íntima do narrador (SCHIFFNER, 2012), já que ele continua vivendo um passado herdado do período colonial, perpetuando sua condição de pertencimento a um quinhão político que inexistente. Ademais, Eulálio reluta em aceitar sua condição social e econômica. Desse modo, para amenizar a dor e manter-se vivo, transita em um passado soberbo a fim de reconstruir, em sua memória, um tempo irrecuperável de glória, mas que o mantém vivo.

A MEMÓRIA E A CONTINUIDADE DO EU

Como visto, a reconstrução do passado, a partir da rememoração de Eulálio, traz imagens dispersas da nação brasileira, constituindo-se em marca singular em *Leite Derramado*. Através dessa recuperação memorialística, o personagem referencia um pretérito, no intuito de esquecer o presente desafortunado. Evidencia-se, nesse novo signo entre memória e identidade, o atrelamento e a permeabilidade de ambas, ressaltando-se a possibilidade de que “a memória é a identidade em ação, mas ela pode, ao contrário, ameaçar, perturbar e mesmo arruinar o sentimento de identidade. De fato, o jogo da memória que vem fundar a identidade é necessariamente feito de lembranças e esquecimentos” (CANDAUI, 2014, p. 18), como é perceptível ao longo da narrativa.

Em que pese suas lembranças serem confusas, o narrador vive, ainda, raros momentos de lucidez, marcados por expressões como “hoje em dia” e “não sei se foi sempre assim”. Esses traços enunciativos materializam suas memórias no intento de instalar maior veracidade aos fatos que expõe e colocam o narrador em um patamar de legitimação histórica, ao refletir uma lógica pré-estabelecida na ordem do cotidiano. Em meio aos devaneios da memória, em que o narrador busca um espaço de conforto imaginário, emergem fissuras que permitem o espiamento da lucidez:

a memória é deveras um pandemônio, mas está tudo lá dentro, depois de fuçar um pouco o dono é capaz de encontrar todas as coisas. Não pode é alguém de fora se intrometer, como a empregada que remove a papelada para espanar o escritório. Ou como a filha que pretende dispor minha memória na ordem dela, cronológica, alfabética, ou por assunto (BUARQUE, 2009, p. 41).

Embora o excerto apresente traços de lucidez, eles podem, pela configuração narrativa da obra, serem percebidos como involuntários: a elaboração descontínuo-narrativa, apesar de

notada pelo narrador, não é corrigida por sua incapacidade de ordená-los temporalmente. O funcionamento sequencial das lembranças, aliado à similitude entre os desfechos das vidas dos personagens, não oferece ao leitor um ordenamento lógico, o que se lhe configura um mosaico que deve ser organizado, a partir de indícios espaço-temporais. Igualmente, o fato de os homens da linhagem Assumpção possuírem o mesmo nome, faz com que, em determinado momento, haja um movimento histórico-identitário em direção a uma mesma significação da ordem social – nesse caso um viver republicano pautado a imagens e à rede corporativa monárquica. Ao lançar-se um olhar sobre a constituição do compêndio de valores que regem o percurso oligárquico dos Assumpção, percebe-se uma totalidade que aponta para uma homogeneização nominativa, ou seja, para uma estabilização narrativa que despermite a visualização de singularidades na representação ficcional. Desse modo, a narrativa estabilizada de sentido, não significa uma unicidade identitária.

Exemplifica-se, na sequência, o intento de Eulálio em burlar a relação de pertença a uma rede referencial que remete à identidade homogeneizada da infância. Isso materializa-se na opção de negar seu nome em detrimento aos apelidos infantis:

Chegou, me fitou com os olhos subitamente mareados, me abraçou e sussurrou no meu ouvido, coragem, Eulálio. Matilde falou Eulálio, e me confundiu. Tive um arrepio pelo seu sopro quente em meu ouvido, e outro arrepio a contrapelo, por ouvir um nome que quase me humilhava. Eu não queria ser Eulálio, só mesmo os padres me chamavam assim os tempos de colégio. A me chamar Eulálio, eu preferia envelhecer e ser sepultado com meus apelidos infantis, Lalinho, Lalá, Lilico. O Eulálio do meu tetravô português, passando por trisavô, bisavô, avô e pai, para mim era meus um nome do que um eco (BUARQUE, 2009, p. 31).

Deve-se levar em conta, entretanto, que, quando o narrador chega a essa racionalização, já está com idade avançada, o que o leva a produzir efeitos de sentido da realidade sob condições inconfiáveis de sua memória. A ancestralidade portuguesa que lhe comportava, configura-se extemporânea, em especial, no espaço hospitalar em que se encontra, onde não tem acesso aos privilégios concedidos aos sujeitos das oligarquias coloniais. Nessa outra ordem política, ele é apenas mais um, condição que reconhece e manifesta no excerto: “ouço suas vozes, e posso deduzir que são pessoas do povo, sem grandes luzes, mas minha linhagem não me faz melhor que ninguém. Aqui não gozo de privilégios” (BUARQUE, 2009, p. 50).

A erosão de seu imaginário, ocorrida ao largo de seu trajeto, é consequência do deslocamento social, que tem origem na transição monárquico-republicana e que marca sua exclusão de um patamar privilegiado nas esferas de poder. Nessa transição, acentua-se sua

falência financeira, perda de patrimônio material e o afastamento de pessoas influentes no funcionamento da nação. Ao recuperar eventos do passado, irrompe um paralelismo entre os dois modos de vida, fazendo com que ele experiencie bons tempos de riqueza e influências no meio público, como uma defesa, ou como uma forma de se conformar à beira do leito. Eulálio não aceitava a sua “passagem dramática de um universo marcado pelas relações e moralidade pessoal para um mundo dominado pelas leis gerais e universalizantes, sempre aplicadas para quem não tem mediadores (ou padrinhos)” (DAMATTA, 1997, p. 245), ou seja, sua transformação de pessoa para indivíduo.

Dos contextos memorial e identitário, as recordações do narrador são acionadas pelas ligações que estabelece com fatos políticos e econômicos de cada fissura temporal, mas isso não significa acesso ao passado, e, sim, uma reconstrução do mesmo, atualizada e complementada pelas representações individuais de quem as projeta.

Para o leitor atento, à primeira vista, as transgressões imagéticas de Eulálio parecem não fazer sentido, todavia, ao buscar-se o conceito e o funcionamento do fenômeno memorial em Joël Candau (2014), depara-se com a fundamentação para compreender tais representações. Para o autor, existem três tipos de memórias: uma memória de baixo nível – responsável pelas nossas repetições diárias; uma memória de alto nível – que armazena nossas recordações involuntárias; e a metamemória – a qual, aqui, nos interessa, e é responsável pela representação individual dos sujeitos. Desse modo,

a protomemória e a memória de alto nível dependem diretamente da faculdade da memória. A metamemória é uma representação relativa dessa faculdade. De fato, os três termos podem ser igualmente conceitos científicos. Mas essa taxonomia é válida desde que o interesse sejam as memórias individuais. Nesse caso, essas diferentes noções são perfeitamente adequadas para dar conta de certa realidade vivida por toda pessoa consciente. [...] Em nossa vida cotidiana, mobilizamos regularmente múltiplas lembranças, recentes ou antigas, e temos por vezes a sorte ou a infelicidade de conhecer experiências proustianas, mesmo se nos sentimos impedidos de descrevê-las: temos aqui duas formas de memória de alto nível. Enfim, cada um de nós tem uma ideia de sua própria memória e é capaz de discorrer sobre ela para destacar suas particularidades, seu interesse, sua profundidade ou suas lacunas: aqui se trata então da metamemória (CANDAU, 2014, p. 24, grifos no original).

Assim, o investimento do narrador em recordar eventos pretéritos, no intento de fazer com que emergja uma identidade individual, configura o uso de sua metamemória. Ao lembrar, ele reconstrói sua trajetória com base em seu ponto de vista e suas referências imaginárias e preenche lacunas consoante seus interesses, o que não, necessariamente, coaduna-se aos fatos históricos que refere. A metamemória, dessa forma, é “a representação que cada indivíduo faz

de sua própria memória, o conhecimento que tem dela e, de outro, o que diz dela, dimensões que remetem ao ‘modo de afiliação de um indivíduo ao seu passado’ e igualmente, [...], a construção explícita da identidade” (CANDAU, 2014, p. 23, grifo no original).

A condição centenária do protagonista contribui para que as lembranças sejam preenchidas com sua imaginação, pois afirma que “na velhice a gente dá para repetir casos antigos, porém jamais com a mesma precisão, porque cada lembrança já é um arremedo de uma lembrança anterior” (BUARQUE, 2009, p. 136). É esse agir da memória que traz a repetição das imagens referenciais ao longo da narrativa; em alguns momentos, são referenciadas por personagens secundários diversos, como na passagem que segue:

[a] lembrança de velho não é confiável, e agora estou seguro de ter visto o garotão Eulálio ainda outro dia, forte toda a vida. Ele até me deu uma caixa de charutos, mas que besteira a minha, o que morreu era outro Eulálio, um que parecia o Amerigo Palumba mais magro. O Eulálio magro é o que virou comunista, porque já nasceu na cadeia dizem que teve um desmame precoce. [...] Não esqueço o dia em que telefonaram para buscar o bebê no hospital do Exército [...]. Até me emocionei ao ver o pimpolho praticamente órfão de pai e mãe, porque Amerigo Palumba estava longe e você, presa e incomunicável. Mas espere um pouco, isso não é possível porque você saiu do hospital do meu lado, com a criança no colo. Só sei que Eulálio d’Assumpção Palumba Júnior foi batizado e criado por nós, hoje é esse garotão que a leva para andar de carro e me dá charutos cubanos (BUARQUE, 2009, p. 38-9).

No movimento do recordar, o narrador confunde as histórias de nascimento de seu neto e bisneto. Contudo, em um lapso de lucidez, identifica esse último e o coloca em seu devido tempo, o que evidencia que as lembranças são acionadas por determinados pontos específicos e lapidadas para se fazerem coerentes, uma vez que

o ponto de origem não é o suficiente para que a memória possa organizar as representações identitárias. É preciso ainda um eixo temporal, uma trajetória marcada por essas referências, que são os acontecimentos. Um tempo vazio de acontecimentos, cuja maior ou menor densidade permite distinguir os ‘períodos’ e as ‘épocas’, é um tempo vazio de lembranças (CANDAU, 2014, p. 98)

Após esse regresso temporal, Eulálio consegue organizar os acontecimentos em uma linha lógica de espaço-tempo e finaliza sua lembrança. Devido à sua precariedade financeira e debilidade orgânica, o que resta a ele, ao chegar no figurado final de vida, é recordar os tempos de prestígio de sua linhagem, sobre os quais apenas ouvira histórias. Em seu delírio, expressa que

são tantas as minhas lembranças, e lembranças de lembranças, que já não sei em qual camada da memória eu estava agora. Nem sei se eu era muito moço ou muito velho, só sei que me olhava quase com medo, sem compreender a intensidade daquele meu desejo. E tive a sensação absurda de que, na minha

mão, estava o pau duro do meu pai, mas é triste ser abandonado assim falando com o teto, ardendo de caxumba. Você se esqueceu do meu beijo, não tirou minha febre, partiu sem cantar minha berceuse”. (BUARQUE, 2009, p. 139).

Nessa ordem, a desorientação não o impede de se inserir na ordem histórica da família nem de se identificar, pois, nesse instante de encerramento de um ciclo, precisa buscar a reinvenção de si, para que possa, também, ser lembrado, afinal,

o declínio da memória entre os indivíduos que envelhecem é sempre vivido como uma alteração de suas personalidades [...]. Aliás, o ‘vazio de memória’ é com frequência experienciado como uma ausência de si que pode se tornar completa entre os indivíduos acometidos (por horas ou anos) por uma amnésia de identidade (CANDAU, 2014, p. 63).

A autodiegese memorial traz em si algumas falhas, porém torna a imagem social do narrador menos significativa, já que ele busca ajustar simbolicamente sua trajetória, com o intuito de amenizar a dor de sua consciência, que emerge de momentos em que se reporta à realidade atual. Como antes referido, no caderno de recordações, o que, de fato, importa ao narrador são seus dilemas subjetivos, incluindo, nestes, o desaparecimento de Matilde. A personagem ocupa um espaço expressivo no enredo de suas experiências vividas: entre uma lembrança e outra, uma falha e um lapso, lá está ela, novamente, até o momento em que ele retoma sua consciência: “acabo de lembrar que Matilde vai sumir para sempre” (BUARQUE, 2009, p. 117).

O processo de falhas e esquecimentos faz parte do fenômeno da memória, e está ligado ao presente,

porque a memória organiza ‘os traços do passado em função dos engajamentos do presente e logo por demandas do futuro’, devemos ver nela menos ‘uma função de conservação automática investida por uma consciência sobreposta’ do que um modo essencial da consciência mesma, o que caracteriza a interioridade das condutas. A lembrança não ‘contém’ a consciência, mas a evidencia e manifesta, é ‘a consciência mesma que experimenta no presente a dimensão do seu passado’ (CANDAU, 2014, p. 63).

Enfim, Eulálio Montenegro d’Assumpção precisou empreender um movimento recordacional para preencher uma lacuna em sua vida maculada por declínios. Ele passa, ao final da narrativa, em seus devaneios, a recordar o funeral de um de seus ancestrais, que crê ser seu tataravô. No entanto, a extensão do tempo cronológico não o permitiria participar desse funeral, visto que sequer havia nascido à época. Assim, narra em seus pensamentos, sua partida, revelando suas últimas impressões de vida e encerra um ciclo de memórias e heranças que iniciaram na riqueza de seu tetravô e encerram na esteira de sua marginalização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Leite Derramado é uma narrativa constituída por uma imensidade de nuances político-sociais da história das relações de poder que permeiam a estrutura antropológica brasileira. Eulálio Montenegro d'Assumpção, personagem principal da obra, traz em si um compêndio de imagens estabilizantes do poder colonial. Da mesma forma, aparece, pulverizada nas micro representações diegéticas, a relação entre fatos da história socioeconômica do país coadunados às desventuras dos Assumpção, no intuito de explicitar como o fenômeno memorialístico consegue representar uma identidade.

Para evidenciar esta representação, analisou-se a relação do narrador com o tipo social, desenvolvido por doutrinadores do século XX, do homem cordial e do uso das influências de laços familiares e relacionamentos do meio público e político. Suas memórias descortinam a cordialidade nas esferas de poder e da vida fácil daqueles que estão inseridos na ordem dos privilégios; no entanto, o narrador não consegue acompanhar as transformações da sociedade, colocando-se em uma posição de desentendimento e ficando estagnado em seu tempo, em suas convicções, mantendo, assim, a imagética tradição da família.

Em determinados momentos, Eulálio faz uso de suas credenciais portuguesas, a fim de impor-se e sobressair-se em situações nas quais as leis monárquicas se apresentam extemporâneas para ele. O personagem, dessa forma, ao ser iluminado pelo contexto histórico nacional, pode ser visto, alegoricamente, como um conjunto de imagens que caminham para uma mesma significação, instituindo uma identidade brasileira forjada pelas necessidades políticas da época e, na obra, conformada por um passado de estagnação.

O recurso anacrônico na construção da rede ficcional mostra que as lembranças enfatizam o objetivo de que foram reinventadas, não narradas fielmente em seu tempo e espaço, estando o personagem condenado aos seus cem anos de vida. Eulálio Montenegro d'Assumpção, desse modo, fez sua retrospectiva centenária e encerrou um ciclo de decadências que se propagou juntamente com aquilo que ele mais prezava, por carregar uma tradição secular de riqueza, e desprezava, por ter predestinado o desfecho de seus sucessores e dele mesmo, o nome.

REFERÊNCIAS

BUARQUE, Chico. *Leite Derramado*. São Paulo, SP: Cia das Letras, 2009.

CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo, SP: Contexto, 2014.

CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

DAMATTA, Roberto da. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1997.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo, SP: Cia das Letras, 2000.

MÜGGE, Ernani; CONTE, Daniel. “Sermão de Santo Antônio aos peixes” ou a metáfora do imaginário colonial português. *Navegações*. v. 10, n. 2, p. 131-140, jul.-dez. 2017.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. 5. Ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1998.

SCHIFFNER, Thiago Lopes. Leite Derramado e a percepção anacrônica de um narrador entre dois tempos. *Letrônica*. v. 5, n. 3, p. 188-206, julho/dezembro, 2012.

Recebido em: 08/11/2018

Aceito em: 26/12/2018